

"A lusofonia está também em Boston, Paris ou Luxemburgo"



Aeroporto da Portela, Natal 2013. Fotografia (arquivo): Catarina Santos/RR

As comunidades lusófonas emigrantes são recursos que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) não está a utilizar, defende o sociólogo Pedro Góis, vencedor do prémio Fernão Mendes Pinto 2012.

05-04-2014 12:30

Gosto 6

Share 1

+1 1

Tweet 1

Comentar 0



Fonte



SAIBA MAIS

- [Os emigrantes](#)
- [Os Anos da Troika. A Grande Debandada](#)
- [Lusofonia não pode "sufocar as culturas dos povos"](#)

"A lusofonia são oito países mais as comunidades dos seus cidadãos dispersas pelo mundo. A lusofonia está também em Boston, Paris ou Luxemburgo, onde cidadãos lusófonos partilham parte da sua cultura", defendeu o sociólogo Pedro Góis, que recebeu este ano o prémio atribuído pela Associação das Universidades de Língua Portuguesa pela sua tese de doutoramento sobre a construção de uma identidade étnica transnacional de comunidades emigrantes cabo-verdianas.

Segundo declarações do sociólogo à agência Lusa, abraçar esta realidade é "importante para a construção da lusofonia", alertando que estas comunidades "não são manipuláveis pelo poder político ou económico", participando voluntariamente e "não a tempo inteiro" como agente da lusofonia.

Contudo, "são recursos mobilizáveis", que poderiam ser utilizados para "a projecção da língua ou do potencial económico", em conjunto com a própria CPLP. "Não há uma acção conjunta dos países lusófonos, nem ligada à diáspora", acrescentou.

Cabo Verde também é diáspora

Ao apontar para o seu objecto de estudo, Cabo Verde e as suas comunidades emigrantes, Pedro Góis considerou que o país "não é só o arquipélago, mas também as ilhas da diáspora", salientando que cada indivíduo, "mesmo que seja da terceira geração de descendentes", transporta consigo "parte da identidade", que pode activá-la e torná-la "visível".

Para além de permanecer "o apego a uma realidade identitária", essas comunidades criam a ligação não apenas pela vida em família, mas também pela ligação ao país a partir das redes sociais. A internet vem possibilitar que os vínculos, quando se perdem, "sejam retomados por outra geração", referiu o investigador do Centro de Estudos Sociais (CES) de Coimbra.

Neste processo, cria-se uma "identidade étnica transnacional", em que se pode congelar "uma identidade do passado", aclarou, exemplificando que, por vezes, a música cabo-verdiana ouvida fora do país já "não é ouvida" dentro de Cabo Verde.

"É uma identidade que não é nacional, está afastada das raízes e que por vezes se concretiza com a música, a participação política ou a alimentação", afirmou.

O sociólogo sublinhou que, no caso de Cabo Verde, a identidade criada fora do país acaba por contribuir para a própria identidade do arquipélago.

A diáspora acaba por ser "uma base de recrutamento de cultura, de desporto, ou até de política", disse, recordando o caso de Mayra Andrade, artista que não nasceu em Cabo Verde, ou da selecção de basquetebol cabo-verdiana que "é constituída, na sua maioria, por terceiras gerações de cabo-verdianos nos Estados Unidos da América".

"Os cabo-verdianos criam uma etnicidade identitária, com base na crença de uma origem comum. Podem não ouvir música cabo-verdiana, podem não falar crioulo, mas sentem-se ligados com o país", finalizou.

A Associação das Universidades de Língua Portuguesa atribuiu também este ano, a Odair Varela, o Prémio Fernão Mendes Pinto de 2013 pela sua tese de doutoramento, também realizada no CES, intitulada "Mestiçagem Jurídica? O Estado e a Participação Local na Justiça em Cabo Verde: uma análise pós-colonial".

Gosto 6 pessoas gostam disto. Sê o primeiro entre os teus amigos.

PARTILHAR

